

Visado
pela Comissão
de Censura*Américo Laria*
Barcelos
Ecoss da Franqueira- AVENÇA -
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT. ADIANTADO**P.º José A. Aires**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA**As raças históricas na Lusitania**
(Transcrição)

I

(Continuação do número 22)

Não temos declinabilidade dos substantivos e adjectivos latinos; não temos o seu género neutro, nem terminações correspondentes a este género nos adjectivos.

Os elementos essenciais dos verbos latinos faltam em nossa língua; não possuímos muitos dos tempos verbais do latim; faltam-nos os particípios do futuro e muitos dos particípios do presente!

Nós derivamos os advérbios dos adjectivos e não dos substantivos; e formamo-los de um modo desconhecido aos romanos.

Não temos também os advérbios numerativos latinos; e muitos, particulares nos romanos e necessários para a energia do discurso, são dispensáveis, e não se encontram em nossa língua.

O latim não tem o nosso artigo, que junto com os substantivos, verbos e adjectivos, forma composições puramente portuguesas.

Temos nomes aumentativos próprios, como *valentão* e *alegrão*, — e bem assim muitas proposições portuguesas, como: *porquanto*, *embora*, *de sorte*, etc.

Certos tempos, o preterito mais que perfeito—*eu amára*,— e outros compostos, como—*eu tenha amado*,— não se encontram no latim.

Além do futuro ordinário—*amarei*,—temos dois futuros compostos:—*eu hei-de amar*, *eu terei amado*, portugueses legítimos.

O infinito pode ser pessoal e ter casos, o que se não observa, nem no grego, nem no romano, no italiano ou no francez.

Dos infinitos fazem os nomes verbais, declinando-os para todos os casos e conjugando-os para todas as pessoas, servindo de nome e tendo tempos, números pessoas e até artigos!

«Sobretudo (diz Ribeiro dos Santos) é grande a diferença que há entre nós e romanos a respeito dos nossos verbos auxiliares, que constituem grande parte da indole particular das línguas,—porque na maneira porque nós os temos e nos servimos d'elles, são nomes próprios e particulares, que certo os não havemos dos latinos».

Ele cita o facto extraordinário do verbo auxiliar servir de auxiliar a si mesmo—*tenho tido*,—o que é puramente portuguez.

O mesmo escritor faz notar outra particularidade da nossa língua: «Há coisa (diz ele) mais nova e mais alheia do latim do que a partícula *lhe* que nos é própria e dos hespanhois, que nem gregos, nem latinos, nunca puderam pronunciar e os arabes com dificuldade pronunciam?»

Esta comparação do portuguez com o latim levar-nos-hia a muito longe, se quizssemos mostrar todas as diferenças capitais das duas línguas.

Bastavam só as diferenças apontadas para se conhecer quão alteradas não ficam as regras de concordancia, regência e construção da gramática latina.

Temos regras de concordancia puramente adequadas á nossa língua e a construção é tão diferente da latina que cairia no ridículo quem construísse frases portuguesas á maneira dos romanos.

Finalmente, o latim é tão diferente do portuguez, que o estudo daquela língua é o mais penoso para os alunos dos nossos liceus.

Em tempo que ainda não vai distante, cinco anos reputavam-se poucos para se ficar sabendo latim!

Há muitas palavras que parecem latinas,—e não as recebemos do latim, mas da origem comum, como já vimos.

Assim «*cabeça*» nunca podia formar-se de *caput*; nem «*chave*», de *clavis*; nem «*cidade*», de *civitas*.

Há numas e noutras palavras formas próprias do portuguez e latim, as quais distinguem bem as duas línguas irmãs e mostram a diferença das duas raças.

E tambem que variedade de palavras por nós tiradas daquelas comuns aos dois povos, e as quais não se encontram no latim, nem nele tem equivalentes!

De «*cabeça*» formamos o adjectivo *cabeçudo*, o verbo *encabeçar*, os substantivos, *cabeção*, *cabeçada*, etc.—os quais são alheios á indole da língua latina.

De «*arvore*» (da mesma origem que *arbore*), que imensidade de palavras portuguesas se não formam:—*arbusto*, *arvoredo*, *arborizar*, etc.!

**Nossa Senhora da Franqueira**

Egualmente de «*braço*» formamos *abraçar*, *braça*, *abraço*, palavras bem portuguesas.

Além destes há um grande peculio de termos portugueses que não têm tradução no latim.

A suave e bela palavra «*delicioso*» tem o *delicatus* do latim que não a traduz.

«*Amortecer*» em latim tem as seguintes palavras, nenhuma das quais a exprimem, e são: *restingere*, *temperare*, *frangere*.

Entre tantas nem uma só traduz o nosso vocábulo!

«*Amortecido*» diziam os romanos *intermotus* e *semimortus*, bem diferentes do sentido em que empregamos aquele termo.

Os romanos só tinham *horripicus*, *horribilis*, *terribilis*, *formidabilis*, para exprimirem o nosso vocábulo «*espantoso*».

Vale e *demissio* não exprimem o nosso termo «*despedida*».

Os exemplos são imensos. Citamos aqui de preferência aqueles que primeiro nos vieram á memória.

E como se podia parecer, segundo a opinião dos latinistas, o latim com a nossa língua nativa, se elle quando foi introduzido na Espanha e Lusitania, já andava corrompido, de boca em boca, não só entre a plebe e os escravos de Roma, mas em todas as províncias da República.

Essa corrupção continuará com o andar dos tempos até á queda do Imperio; depois veio a influencia dos povos barbaros e do arabe; e desde a queda do Imperio romano até ao renascimento do antigo estado lusitano medeiam nada menos de seis séculos! Seis séculos de influencia barbara e arabe por cima do latim corrompido pelas línguas celtas por espaço de quasi outro tanto tempo!

Pode-se, pois, imaginar que latim seria esse que falavam, no dizer dos latinistas, os povos da península!

Mas não nos faltam, felizmente, documentos literarios do portuguez referidos ao principio da monarchia.

(Continua)

Fra Casil.



O Evangelho

Jesus apresentou aos seus discipulos esta parábola:

O reino dos céus é semelhante a um homem, pai de familias, que saiu muito de manhã a ajustar operários para a sua vinha. Tendo saído à hora tertia, viu outros que estavam ociosos na praça, e disse-lhes: «Ide também vós para a minha vinha, e dar-vos-hei o que fôr justo»; elles foram. Saiu outra vez à hora da sexta e de nãa, e fez outro tanto. Ainda saiu à undécima, e encontrou outros que estavam parados, e disse-lhes: «Como é que estais aqui ociosos?» Responderam-lhe: «Porque ninguém nos assalariou». E elle disse-lhes: «Ide vós também para a minha vinha». Ao anoitecer disse o dono da vinha ao seu feitor: «Chama os operários, e paga-lhes o jornal, começando pelos últimos até aos primeiros». Tendo pois chegado os que tinham ido à hora undécima, recebeu cada um seu dinheiro. Vindo depois os primeiros, pensaram que haviam de receber mais, porém recebeu cada um também um dinheiro, e ao recebê-lo murmuravam contra o pai de familias, dizendo: «Estes últimos não trabalharam mais que uma hora, e os iguala conosco que suportamos o peso do dia e do calor?!» Mas elle respondeu a um d'elles, dizendo-lhe: «Amigo não te fuço injúria; pois não foi o teu ajuste comigo de um dinheiro? toma pois o que te pertence, e vai-te; eu quero dar a este último o mesmo que a ti. Não posso fazer o que me apraz? porventura é mau um dos teus olhos, porque eu sou bom?» Desta maneira, os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos; porque são muitos os chamados, e pouco os escolhidos.

A santificação do trabalho

Como é que estais aqui ociosos?

Começamos hoje, cristãos, um tempo de preparação para a Quaresma, que em linguagem litúrgica se chama Septuagésima. São umas semanas como que ante-preparatórias para as da Paixão, já que a Quaresma é a verdadeiramente preparatória. E assim, vemos que, se não entram ainda os jejuns, contudo se suprimem as aleluias e usam os paramentos róxos, que são o sinal de penitência, como na Quaresma.

O Evangelho de hoje exórta-nos ao trabalho e à fuga da ociosidade, recordando-nos a parábola de Jesus Cristo sobre os operários assalariados para a vinha. Vou tratar hoje deste assunto, muito interessante para todos, afirmando que nos devemos dedicar ao trabalho, ou occupação útil evitando os defeitos que o desvirtuam e procurando as qualidades que o santificam.

Disse-nos Jesus Cristo no Evangelho de hoje que o reino dos céus (ou a sua santa Igreja) é semelhante a um pai de família que desde as primeiras horas da manhã até às cinco da tarde sai à praça para assalariar operários para a sua vinha, e por um preço justo, dizendo-lhes: *Como é que estais aqui ociosos?* Mandou no fim do dia ao mórdomo dar a cada operário a paga merecida, começando pelos últimos; queixaram-se os primeiros, que recebiam tanto pelo dia todo como os últimos que só trabalharam uma hora; mas o pai de família defendeu-se muito bem desta aparente injustiça, dizendo-lhes que pagava o que fôra estipulado, e que se aos outros dava o mesmo, é porque podia fazer do seu dinheiro o uso que quizesse, podendo assim ser generoso com os últimos sem prejudicar os primeiros. Em tudo isto se vê o modo como temos de trabalhar para merecer o prémio.

I.—Começando pelo modo imperfeito que temos no trabalho, quer aos olhos de Deus quer aos dos homens, julgo que se desvirtua o trabalho no espirital, e ainda no material, pela fadiga à sobreposse em fazer muito, com exigências e até violência. Estudemos estas circunstâncias.

1.—Esforço de muito produzir.

E' achaque e preocupação de não poucos trabalhadores da sua própria fazenda, tanto no terreno espirital como no material, o afigarem-se por produzir muito trabalho, sem olhar a se vai bem feito, como os operários da vinha do Evangelho, que trabalhando muito todo o dia, não ganharam mais que os de uma hora. E' que não entendem a máxima de S. Francisco de Sales: «Pouco e bem.» A virtude não consiste tanto no que se faz, mas na maneira como se faz. Não o entendem assim aquelas pessoas que se sobrecarregam com rezas e mais rezas, com devoções e mais devoções, fazendo tudo atrapalhadamente. Toda a noite esteve pescando S. Pedro, e não pescou nada; mas num só instante em que deitou as redes nas devidas condições, seguindo a ordem de Jesus Cristo, logrou pesca abundantíssima. (Luc. V, 5).

2.—Trabalho com lamentos e queixas.

Ao esforço desmedido costumam juntar-se exigências e queixas, o que torna o trabalho mais pesado e menos meritório. Como os primeiros operários da vinha, que por terem trabalhado desde as primeiras horas se queixavam das últimas e do amo, ao qual exigiam maior salário, assim hoje muitos operários se tornam intratáveis e merecem censura dos patrões por exigências infundadas. Também na vida espirital muitas pessoas devotas se lastimam deante Deus e dos homens, perdendo quasi todo o merecimento do que praticam. *Deus ama o que dá com alegria*, diz S. Paulo (II, cor., IX, 7), enquanto que não olha, nem recebe, nem bendiz o sacrificio de invejas, de exigente, do que se queixa, como o de Cain. (Gen., IV, 5).

3.—Trabalho forçado

Tambem diminue a perfeição e o mérito de trabalho a condição violenta e forçada com que a miúdo se executa. Trabalha-se à sobreposse e só pela ganância do jornal; e esta circumstancia, que só serve para aumentar o peso do trabalho material e torná-lo mais fastidioso, dá-se também nos labores espirituais da alma, roubando-lhe o merecimento. Assim se vê nos operários da vinha evangélica, que afirmavam ter suportado o peso do dia e do calor, enquanto os operários da última hora o encontraram muito mais fácil e mereceram maior paga por não serem exigentes no contracto. A inclinação ou espontaneidade no trabalho que Deus nos impôz como penitência desde o pecado de Adão, torna muito mais leve o peso da carga, porque o amor tudo suavisa. Amar o trabalho é torná-lo melhor e mais fácil.

II.—Mas é pena que os homens encontrem sofrimento e ruina onde poderiam tirar grande proveito. Vamos estudar agora as qualidades que santificam e enriquecem o trabalho, principalmente para ganharmos o prémio do Céu.

1.—A boa consciência.

Assim como para se obterem favores e generosidades de um superior é preciso ser benquisto d'ele, e por isso é que os operários da última hora ganharam mais, assim também para merecermos deante de Deus com o trabalho é necessário estar na amizade e graça de Deus, isto é, trabalhar com boa consciência. Todas essas fadigas que dia a dia temos de suportar em nossos trabalhos nos conquistariam um peso eterno de glória, como diz S. Paulo (II cor., IV, 19), se tivéssemos boa consciência. Para isso é preciso fugir do pecado, mas se alguma vez ofendemos a Deus, arrependámo-nos logo com verdadeira contrição e propósito de nos confessarmos. Como po-

demos esperar que Deus abençoe o nosso trabalho, se o enchermos de más palavras e pragas, e não temos limpa a consciência? Ninguém faz favores a um inimigo que recusa emendar-se.

2.—A actividade.

Podemos haver ociosidade no mesmo trabalho, fazendo-o com lentidão e preguiça; isto não pode ser agradável nem a Deus nem aos homens. Assim como os operários da última hora ganharam tanto como os da primeira, por terem aproveitado bem a hora de trabalho, assim os operários diligentes no material, e os trabalhadores espirituais muito fervorosos ganham muito em pouco tempo. *E' maldito o que faz a obra do Senhor com má fé*, diz Jeremias (XLVIII, 10,) enquanto se enche de bençãos o operário diligente. (Prov., XIII, 4).

3.—A paciência.

Temos que tirar fôrças da fraqueza. Já que de qualquer modo é preciso trabalhar e sofrer, mais vale fazê-lo com paciência, que será para nós um rico manancial de merecimentos, que nos arriscamos a perder se nos impacientarmos. Os primeiros operários encheram-se de inveja e de cólera, e o pai de familia não fez caso d'elles; os últimos calaram-se e sofreram a murmuração e a queixa dos outros, e foram preferidos. *E'vos necessária a paciência para que alcanceis o que se vos há prometido*, ensina S. Pedro. (Hebr., X, 36).

Cristãos: diz Job que o homem nasceu para o trabalho (V, 7), e é mister que se aplique a elle, tanto nos negócios da alma como nos do corpo, sem cansaças desmedidas, sem queixumes nem violências, mas com boa vontade, boa consciência, com actividade e resignação e paciência. Alcansaremos assim o precioso salário da vida eterna.

Agulhas e alfinetes

Quando as nozes não largam facilmente o estojo verde que encerra a semente devem amontoar-se debaixo mesmo da Nogueira e cobrirem-se com ervas ou folhas verdes. Dá-se então uma fermentação e o desprendimento do calor é sufficiente para fazer soltar esta casca.

No tempo de D. João III, havia nas proximidades de Serpa uma igreja onde, annualmente, se faziam festas muito frequentadas porromeiros de Castela. Ao tempo, saiu uma ordenação proibindo os vestidos de seda em Portugal, e, com isso, osromeiros espanhóis deixaram de vir «por não terem saias sem barras de seda ou de sedas»; isto ocasionou um tal prejuizo à igreja que o capellão pediu ao rei a sua revogação, no tocante a estranhos, D. João III acedeu, mas com a clausula «de que só podiam vestir-se de sedas os que viessem expressamente para fim religioso».

Os exportadores americanos de frutos, remetem para os mercados europeus peras e maçãs que tem uma apresentação que as nossas não logram e que as torna preferiveis. Isso deve-se, por um lado, a uma cuidadosa selecção de castas, a uma perfeita embalagem, e à rigorosa escolha da fruta bichosa; e por outro à maquillage especial que lhes fazem sofrer, lavando os frutos depois da colheita e cobrindo-lhes a epiderme com uma fina camada de parafina.

A amendoeira é conhecida desde a alta antiguidade, figurando nas obras de Discorides e Teophraste. Está também mencionada no Antigo Testamento e figura nas pinturas antigas, descobertas em Pompeia.

Calendário da Semana

FEVEREIRO

- 12 Domingo. Os Santos 7 Fundadores da Ordem dos Servitas,
 13 Segunda. Santa Catarina de Ricci, V.
 14 Terça. S. Valentim, Sacerdote e M.
 15 Quarta. Santos Faustino e Jovita, Mm.
 16 Quinta. S. Onésimo, Bispo e Mártir.
 17 Sexta. S. Silvino, Bispo.
 18 Sábado. S. Teotónio.

NOTÍCIAS VÁRIAS

O Cardinal Arcebispo Shuster de Milão anunciou em Dezembro último que tinha ordenado pesquisas em diversas regiões da Itália para encontrar os restos mortais dum santo que elle tencionava fazer transportar à Igreja de Desio, aldeia natal do papa Pio II.

Os jornais foram agora informados que essas pesquisas foram coroadas de êxito.

Desio terá os restos mortais de S. Vitor, mártir, que foi Papa sob o reinado do imperador Trajano, no 3.º século.

Os restos mortais de S. Vitor encontravam-se no Mosteiro das Irmãs Carmelitas de Massa Lubrense, Campania.

Há alguns anos os soviéticos prenderam o Primaz da Igreja Católica na Rússia, Mons. Sloskine, de nacionalidade letã.

Há cinco anos foram entabuladas negociações para o resgate do Primaz, que tinha sido exilado para a Sibéria. Foi agora trocado por um comunista, preso na Letónia, sendo recebido na fronteira pelo Bispo Auxiliar da Diocese de Riga e pelo vice-presidente do Parlamento Letão, em casa de quem se alojará.

O correspondente em Lisboa do *Dayli Herald*, informa este jornal que, não tendo já que guardar segredo pode revelar que o rei D. Manuel esteve em Lisboa, pouco antes da sua morte.

Veio a Lisboa, segundo aquele jornalista, secretamente, visitar o túmulo de seu pai, o rei D. Carlos.

Esta visita foi patética. D. Manuel perdeu os sentidos junto do caixão, caindo-lhe então a barba postiça.

Uma pessoa que se encontrava no Panteão reconheceu, assim, o ex-rei, de quem era até amigo.

D. Manuel, ajudado por esta pessoa, regressou ao vapor alemão em que viajava.

O Cardinal Marchetti-Selvagiani esteve na base naval de Ostia a receber o P.º João Considine, missionário e director da agência «Fides», que regressava duma longa viagem pelas missões, em que deu a volta completa ao mundo, tendo percorrido 95.000 quilómetros em catorze meses.

O P.º Considine que tem publicado no «Osservatore Romano» interessantíssimas crónicas das suas viagens, utilizou-se dos mais variados e modernos meios de transporte, fazendo de hidro-avião o trajecto de Tunis a Ostia.

Coroação do Papa

No dia 12 deste mês, pelas cinco horas da tarde, em virtude do aniversário da coroação de S. Santidade Pio XI, tem lugar na Sé Primacial de Braga, uma imponente solenidade a que preside S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz.

Haverá *Te-Deum*, um discurso apropriado por um distinto Professor de ciências eclesiásticas do Seminário e Bênção do Santíssimo.

Assistem os Officiais da Cúria, Professores dos Seminários, autoridades civis, Párocos, collegios, associações pias e seminaristas. E de esperar grande concurso de fiéis.

Carta de Aves

Aves tem progredido, é certo, mas terras há, bem menos desenvolvidas comercial e industrialmente falando, mas maiores, se sociologa ou humanamente também quizermos falar. Vemos Paços de Ferreira, por exemplo, que, com quanto esteja em categoria de vila, no seu comércio e industria fica muito longe de Aves; porém, possui requisitos de elevado merecimento humanitário, que Aves talvez esteja ainda muito longe de possuir. Ali há uma creche, um hospital, uma corporação de Bombeiros voluntários. Estas obras evidentemente um alto significado humanitário que Aves ainda não logrou. Tem um jornal semanario, tem uma casa para cinema, tem um jardim, no meio do qual tem a estátua de Leão de Meireles um dos grandes benfeitores da sua terra, em vida, e homenageado pelos seus contemporaneos depois de morto, o que prova eloquentemente a gratidão dos mesmos. Aves neste sentido tem ainda muito que fazer para que possa emparelhar com os seus outros progressos. Abstenho-me de dizer do que precisamos, pois que seria desconsiderar a alta competência dos grandes homens de acção, de Aves.

Eles bem sabem o que é preciso, e se o não fizeram ainda, é por que não chegou a oportunidade.

Em chegando de facto, tudo será concluído, coroado com a maior das vontades; disso temos a certeza, pois que possuímos provas bastantes, e isso nos basta para termos confiança no porvir. E' que nós, principalmente os velhos como eu, queremos ver tudo a correr para vermos assim mais um pouco antes de morrermos, o que nos torna por vezes impertinentes; e é preciso que os outros estejam revestidos com a melhor das paciências para nos aturar as rabujices, do que só temos a pedir perdão.

ALMA ENCARCERADA

Sinto minh'alma presa e abafada,
 Tam muda, a esbracejar pedindo alento!
 Sinto que cada vez mais apertada
 Não logra o que deseja o seu intento!

Eu sinto no meu sêr a bafarada
 Dum êstro reluzente, que, no vento
 Se sóme em pó e terra cinza e nada,
 No fundo do mais frio esquecimento!

Meu Deus! Quão dura é esta escravidão!
 Dai um sôpro de vida ao triste vale
 Para que com acêrto e prontidão

Possa tanguer a lira como artista!
 A' minha alma vinde dar resgate,
 Dai-me Senhor por bem, esta conquista!

JOAQUIM MOREIRA.

Crónica da Semana

(Continuação da 1.ª pág.)

ve de um grande problema. E' necessário que tôdas as crianças vão para Jesus Cristo e lhe pertençam. De sorte que a educação religiosa infantii deve na sua técnica e no seu objectivo não se arredar um ápice deste plano.

Não se julgue que a simplicidade das respostas indica pouco em criaturas que estão ainda a desabrochar para a vida. As respostas são a exteriorização natural e espontânea de sentimentos que já as animam. Portanto, indicam muito.

A criança é facilmente moldável. Ensinar-lhe a doutrina santa e apresentar-lhe o divino modelo, eis o caminho. Os exercícios práticos, com perguntas que sirvam de base para um inquérito, como aquele de que vimos tratando, além de interessantes são muito eloquentes, pois manifestam o grau de educação religiosa que a criança vai atingindo.

Tratando-se de crianças há necessidade de usar de processos em tudo conforme ao desenvolvimento das mesmas.

E aí está um meio de que com bastante proveito poderão usar os Rev.os Párocos para sondar o íntimo dos seus educandos da catequese.

Confrarias. — Falamos na última *Cronica* na necessidade que há de levantar as Irmandades e Confrarias, insuflando-lhe o verdadeiro espírito de piedade, informado pela disciplina eclesiástica.

Como elas na sua forma já tão longe da piedade mostram o fervor da fé dos nossos antepassados e o empenho que elles tinham no desenvolvimento dessas beneméritas corporações, como escala para a salvação eterna! Sim, estas corporações não tinham para elles outro objectivo; não limitavam a sua acção a este mundo, tinham um fim bem mais alto, sobrenatural, o fim de além da cempa.

E' ler os antigos Estatutos. Todos os artigos ressumbram o fervor da fé e ansia de prevenir os meios efficientes para uma salvação certa. Os estatutos modernos, baseados num formalismo sêco, são mais a engrenagem de uma máquina do que a organização espiritual de almas que se associam para um fim superior.

Os sufrágios reduzidos que hoje prescrevem estão muito longe de indicar o valor principal e determinativo das Irmandades e Confrarias. Atendem mais ao temporal do que ao espiritual e sobrenatural. Desviaram-se do seu fim.

Ora é necessário que retomem o seu posto, para cooperarem eficazmente na obra suprema do mundo, que é a salvação das almas.

Entre outros, os Estados Unidos

Quando se trata do casamento religioso ser considerado válido para os efeitos civis, cita-se, quasi sempre, o caso da Itália e muita gente julga ser isso a consequência natural e necessária da união da Igreja e do Estado.

Nada mais erróneo.

Muitos países, dos mais cultos e civilizados do mundo, reconhecem o casamento religioso válido para todos os efeitos civis. Há diversas nações de populações de religião mixta, que reconhecem o casamento religioso, celebrado nas igrejas católicas, nos templos protestantes, nas mesquitas muçulmanas e nas sinagógas hebraicas, conforme a religião dos nubentes. . . Existe o casamento civil, *unicamente*, para aqueles, que, declarando não professar religião alguma ou não querendo dar ao seu casamento um cunho religioso vão casar nas repartições. . .

Nos Estados Unidos a lei reconhece os casamentos celebrados ante um ministro da religião.

O MONTE DA FRANQUEIRA

(Continuação do Extracto da Crónica da Santa Provincia de N.ª Sr.ª da Soledade, por Fr. Francisco de S. Tiago).

Sempre nos anaes da fama viverão os Filenos Africanos, que se deixaram enterrar vivos por dilatar os limites da sua pátria. Morreu Nuno Gonçalves de Faria pela pátria e pela fidelidade devida a seu Rei, mas vive por glória e viverá para sempre na memória dos homens, e não menos seu filho Gonçalo de Faria, que valorosamente defendeu o Castelo, como seu pai lhe mandou, e depois de alguns dias de sifio, retiraram os Castelhanos. Por esta illustre façanha acrescentaram seus descendentes o escudo de suas armas, fazendo o campo dele vermelho por memória do sangue que este fiel Capitão ali derramou) e entre as cinco flores de liz de prata, que seus ascendentes tinham por armas em aspa, assentaram o Castelo de prata com portas e frestas de preto, e a flor do meio puzeram em cima vermelha, ficando três flores em chefe e duas em fexa, e ao pé do Castelo um corpo humano despedaçado. Toda esta acção heroica relatam as Histórias do Reino e especialmente se póde ver nas Crónicas de El-Rei D. Fernando.

O dito Gonçalo Nunes de Faria, sendo depois juntamente Senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de El-Rei D. João I. se fez Clerigo e foi Abade de Santa Eulália de Rio Covo, termo da Vila de Barcelos, sucedendo na casa de seu pai seu irmão Alvaro de Faria, de quem procedem os Farias de Barcelos e os mais deste Reino. Ao pé do Castelo de Faria, para a parte do mar, está a freguesia que chamam de Milhazes, da qual se diz que tomou o nome de milhares de gente que morreu na referida batalha com Galegos e Castelhanos, ainda que o Autor da Corografia Portugueza não quer assistir a esta opinião e tem para si que o tomou de outra muito mais remota, e que seria quando os Romanos, ou outras nações conquistaram estas terras; e bem podia ser que fosse da que o tomou a freguesia do Rio-Tinto, que lhe fica distante meia légua para o mar, a qual tiveram Cristãos com Mouros, sobre o rio Cavado no sítio que chamam o Poço da Batalha, onde indo-se retirando os Mouros, os Cristãos os foram carregando em forma, que já muito distantes donde principiaram o choque, os acabaram de vencer, onde corre um pequeno rio, que se mete no Cavado, cujas águas cresceram e se tingiram com sangue de mortos e lhe ficou o nome de Rio-Tinto e à freguesia, que é onde acabaram. O mesmo podia ser de Milhazes no mesmo tempo de milhares de Mouros que ali se mataram.

Quasi ao Oriente do Castelo de Faria e ao Sul do Convento, pegando ao muro da cerca dele, se eleva o cabeça mais eminente e alto da serra da Franqueira, com subida assaz ingreme de toda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotissimas e muito dilatada parte do mar Oceano, vistas todas e horizontes que fazem aquele sítio muito agradável e deleitoso. Vê-se este monte coroado com o antigo e magnifico Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira, tomado da serra em que está. Neste monte se vê esta soberana Senhora exaltada como cedro no Libano, e parece ser aquele de que fala o Profeta Ezequiel, plantado em um monte sublime, debaixo do qual e à sua sombra habitam e nidificam as aves do Céu, que são os nossos Religiosos no entender de Le Blanc. E' este Santuário muito célebre em toda a Provincia de Entre Douro e Minho e muito frequentado com contínua romagem assim da Vila de Barcelos, como das mais circunvizinhanças. O titulo da Franqueira convém muito á Mãe de Deus pela generosa liberalidade com que ali franqueia os beneficios por mar e por terra a todos os que ali a buscam e a ela com fê recorrem.

Atribue-se a primeira fundação desta Capela ao grande Egas Moniz, Aio do primeiro Rei de Portugal o Sento D. Afonso Henriques; e é de crer seria quando o dito Poincipe assistia no Castelo de Faria, sendo ainda Infante, e póde ser fosse á imitação de outra que da mesmo Senhora e com o mesmo titulo da Franqueira, que consideramos mais antiga, também de muita devoção e concurso, há no Reino de Galiza, junto á Vila de Ribadavia, a que assistem os Religiosos do grande Patriarca S. Bento.

Continúa.

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.ª Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.

Pagaram as assinaturas deste jornal, além dos já publicados, mais os seguintes Senhores: Adelino Pereira, António Pereira da Cruz e António Gomes de Faria a quem muito agradecemos.

Quer ir de graça a Lourdes!

Vá informar-se e habilitar-se na C.ª Editora do Minho, ou ao Centro das Novidades.

A peregrinação terá logar no dia 1 de Junho p. f. e o seu regresso em 8 do mesmo.

A viagem de graça comprehende: transportes no comboio e das estações para os hotéis, seis dias de hotel em Lourdes, 3 refeições diarias (com vinho) e todas as gratificações.

PEREGRINAÇÃO A LOURDES

Partida 1 de Junho — Regresso 16 de Junho

PROGRAMA

- Dia 1 — Partida do Porto (S. Bento) via Barca d'Alva, às 9,50.
 « 2 — Chegada a Lourdes às 18 h.
 Dias 3, 4, 5 — Estadia em LOURDES.
 Dia 5 — Às 21 h. partida para Paris.
 « 6 — Chegada a Paris às 11 h. — Transporte aos hotéis.
 Dias 6, 7, 8, 9, 10 e 11 — Estadia em PARIS.
 Dia 11 — Partida para Lisieux, onde se passa o dia, regressando a Paris para dormir.
 « 12 — Partida para Bordeaux Almôço, jantar e dormida.
 « 13 — Partida para Bayonne e Biarritz. Almôço, jantar e dormida.
 « 14 — Partida para S. Sebastian. Almôço, jantar e dormida.
 « 15 — Dia livre, para uma visita facultativa a LOYOLA. (Almôço e jantar por conta de cada um).
 « 15 — Partida de S. Sebastian às 17 h. para o Porto.
 « 16 — Chegada ao Porto às 18 h.

Prêços: Em 1.ª classe em Portugal e Esp. e 2.ª na França 2,380\$.
 Em 3.ª classe todo o percurso 1.950\$00

(Haverá tempo suficiente para se visitar: S. Sebastião, Bayonne e Biarritz).

INSCRIÇÃO: 100\$00, que serão descontados ao preço indicado.

PAGAMENTO: Faz-se numa ou duas prestações iguais, sendo a 1.ª até 5 de Maio e a 2.ª até 20 de Maio.

ORGANIZADOR:

P.º José António Ayres

Rua do Visconde, Póvoa de Varzim

N. B. — A Casa de Santo António — Travessa da Liberdade, 6, Porto recebe também inscrições e remete programas.

Instruções

1.º — Os excursionistas deverão munir-se do bilhete de identidade e conseguirem na séde do Distrito, a que pertencem, o passaporte de viajante. O organizador encarrega-se também de obter passaportes para as senhoras e cavalheiros não sujeitos á vida militar.